



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

A ESTÉTICA NOS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: REFLEXOS COMPARTILHADOS NAS MÍDIAS SOCIAIS

Elisabete de Freitas Teixeira (autor), Luciana Backes (orient.)
Universidade La Salle

Resumo

O presente trabalho pretende refletir sobre dimensões da estética, articulando o tema e as imagens construídas pelos estudantes do curso de Fotografia compartilhadas no *Facebook*. Investigamos: Quais são os reflexos provocados nos sujeitos/atores, por intermédio da utilização da mídia social - *Facebook* - na formação estética desses estudantes? A metodologia será Estudo de Caso, de natureza qualitativa, por meio de dados coletados em arquivos digitais, informações compartilhadas e roteiros de atividades semanais.

Palavras-chave: estética, aprendizagem, mídias sociais

Área Temática: Educação

1. Introdução – A estética nos processos de ensino e de aprendizagem: reflexos compartilhados nas mídias sociais

O presente artigo discute os possíveis reflexos que a estética pode reproduzir como processo de ensino e de aprendizagem, práticas que se desenvolvem na articulação entre a construção de imagens e seu compartilhamento na mídia social pelos estudantes do curso de Fotografia. A mídia social que contribui para os processos formativos desses sujeitos/atores é o *Facebook*, escolhida devido a sua amplitude como possibilitadora de navegação, interação e socialização. A participação efetiva destes nos permite analisar os possíveis efeitos na formação estética de suas imagens e a relevância atribuída pelo convívio coletivo na rede. Um espaço de compartilhamento, trocas e aprendizagens que promove uma educação transformadora na (re) construção dos sujeitos/atores, inseridos no processo.

Em decorrência, os objetivos são: observar os reflexos provocados nos sujeitos-atores, por intermédio da utilização da mídia social *Facebook* através das imagens construídas e compartilhadas na rede - como resultado da formação estética desses estudantes; reconhecer como as experiências vividas e compartilhadas em rede social constroem os sujeitos enquanto autor/ator/narrador. Esses objetivos emergem do interesse pela produção exagerada de imagens na contemporaneidade, sua utilização nas pesquisas em educação é cada vez mais frequente, constituindo um campo de debates e crescente produção acadêmica.

Nessa trajetória, se configura “a cibercultura”, momentos vividos em rede social de maneira intensa, qualitativa e coletiva. Trocas de experiências, de afetos, de sentimentos e de excessos que conseqüentemente promovem a formação estética e inúmeras maneiras de olhar, ver e perceber. Uma atmosfera que envolve e notoriamente fomenta o aprendizado e a educação dos sujeitos-atores. Desta forma, a partir do que foi exposto, o problema de investigação se apresenta do seguinte modo: Quais são os reflexos das imagens na formação estética, dos acadêmicos de Fotografia, compartilhados na rede social, na construção para educação do olhar?

2. Marco Teórico - A estética e os reflexos das mídias sociais

A compreensão da estética como processos formativos constitutivos do mundo contemporâneo, apresentam características que denotam novas construções de realidade e maneiras ressignificadas de viver e conviver no social, ou seja, a estética no seu sentido etimológico. Para Maffesoli (2000) “o termo estético de maneira etimológica é como a faculdade comum de sentir, de experimentar” (p. 105). Uma estética que ratifica a fundamentação de uma sociedade constituída pela convivência e pela coletividade no compartilhamento de emoções, denominada por ele de “tribo” pós-moderna. Maffesoli (2000) este conceito representa o crescimento do consumo social, das empatias, afetividades e do compartilhamento com o outro a ponto de perder-se em si mesmo. A estética sempre esteve presente na relação do homem com a natureza, surgindo como ciência por

UNIVERSIDADE
LaSalle

www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

volta de 1750 com Alexander Gottlieb Baumgarten, conectava-se ao belo e a contemplação, no entanto, a preocupação com beleza das formas humanas e “o endeusamento do eu” antecede a era grega, documentando a preocupação da humanidade com as formas aparentes e a pretensão pelo esplêndido. Para Kant (1983) a estética e sua beleza são transcendentais, compreendida como a ciência de todos os princípios da sensibilidade, do gozo e do prazer. Caracterizada a partir do sentido de termo *aisthêtikos*, de *aisthanesthai*, que significa sentir, entre o século XIX e XX, a estética sofre influências gradativas, intensificando alterações em seu conceito e compreensão. Em decorrência, Morin (2003) reforça a necessidade de conexão sistêmica entre o homem e a natureza; o racional e o sensível. A partir dessa apuração constata que o pensamento racional isolado não é pleno, se faz necessário o sensível, o ideal admirável que referencia o crescimento e a corporificação da razão criativa no mundo. A criatividade e o acontecimento desempenham um papel primordial na contemporaneidade e, por isso, pode-se afirmar que o futuro está em constante construção devido à capacidade de transformação do ser humano, por meio da comunicação, da interação, da adaptação, da construção de culturas de cada grupo, da identificação de diferenças e da aprendizagem. A compreensão da estética tem uma função evolutiva pertinente ao contemporâneo, ampliando suas fronteiras e rompendo barreiras entre as ciências tecnológicas, científicas e sociais que incluem principalmente o cotidiano e suas representações.

Transformações que contribuem para a intersecção do sujeito/ator que transversalmente passa a engendrar representações de atores sociais mediados pelo computador e pelo ciberespaço. A vida cotidiana é modulada e construída a partir da necessidade ostensiva de aparência e experiência social, práticas culturais, que apresentam diversidades no modo de olhar, relacionar e mostrar. No palco da vida a relevância se encontra no sucesso estético da imagem construída, capturada e, sobretudo, exibida no mundo digital. Instituído o que Goffman (1975) chama de “politeísmo de valores”, contextualizada pela “teatralidade cotidiana”, ou seja, a *performance* do sujeito contemporâneo. Sua preocupação está fixada em “ser” e “aparecer”, sempre em sua melhor *performance*, e o corpo é o personagem principal, o suporte maior, o seu protagonista. Sua imagem espetacularizada em rede possui relação com as expressões refletidas em jogos de aparências e poder, tornam-se fachadas no exercício da possível visibilidade como denota o autor, “O espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana - isto é, social - como simples aparência” (DEBORD, 1997, p.16). Estas são manifestações culturais com características efêmeras, híbridas e fragmentadas em confluência com a cultura tecnológica que pauta estilos de vida e visões de mundo.

A sociedade tecnocultural é midiaticizada e conectada pela imagem, mitos, sentimentos, nostalgia e velocidade. Assim, construímos o entorno da produção estética por intermédio daquele que participa enquanto sujeito/ator ou espectador. Nesta prática interativa vive-se e convive-se numa confraternização e troca de experiências e conhecimento, engendrando símbolos, significados, imagens, linguagens e representações em suas produções. Portanto, configura-se o estado poético, aquele que transforma-se em estado de emoção, de afetividade, de excitação e de prazer. É a produção de si mesmo, provocando um protagonismo transformador, onde se respeita e enriquece a diversidade. Permite o reconhecimento do sujeito/ator a partir do reconhecimento do outro, seja esse “outro” um indivíduo, um espaço, um objeto, uma ideia etc. Movimentos que nutrem a construção de subjetividade pela emoção, linguagem, pensar, sentir e pela motivação do desejo, ora como processos de autoprodução e ora como processos de automanutenção.

Assim, para as comunidades estéticas, a imagem e a aparência não possuem uma finalidade singular, mas uma intenção de busca pela ordem do lúdico, da imaginação e da fantasia. Estes desejos englobam a preocupação por uma estética do sensível, aquela que toca e comove aquele que olha, vê, percebe e observa, além da pretensa busca pela beleza corpórea. Uma beleza que se torna efetiva em um jogo de aparências, um reflexo do sintoma de cultura, com indícios que movimentam as práticas culturais da sociedade da visualização. Ressaltando que “os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver” (DELEUZE, 1994, p.17-18). Para o autor “O imaginário é alimentado por tecnologias”, em um espaço-tempo que rompeu com as verdades



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

absolutas. É algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário estabelece vínculo. Complementa Morin (1998) quando contempla que no imaginário novos conceitos estéticos são liberados, incluindo mitos, sonhos, sentidos íntimos e fantasias.

Assim, é fundamental a compreensão dessa estética no desenvolvimento educacional do sujeito/ator. A dimensão da Educação Estética tem sido citada em nome de uma educação prática, pronta para usar. Como nos traz Freire, “decência e boniteza de mãos dadas” (2011, p. 34). Mãos que tocam, transformam os modos de sentir, unindo corpo, razão e moral ao coração. Esta educação desempenha um papel fundamental perante o sujeito enquanto reveladora de suas necessidades de representação e exibição nas mais diversas formas de viver, conviver e refletir sobre seus sentimentos, condutas, valores e pensamentos. Um sujeito aprendiz na (re) construção de suas relações (LEVY, 1996) ora por intermédio da execução e finitude do ato em si e ora por intermédio da “virtualidade real” (CASTELLS, 1999), cultura formada por processos de comunicação digital.

A educação estética promove o diálogo, contribui para uma visão ampla do conhecimento, busca relevância social articulada entre o pensar e o dizer na construção do conhecimento. Portanto, não separamos o sujeito do objeto, o viver do conhecer e ser, estamos conectados e articulados com o mundo, de maneira híbrida - sujeitos, lugares, objetos, redes, sensores, servidores, bancos de dados, softwares... - e mediada. Considerar estas ações e relações na vida social contribui a inúmeros ensinamentos que a educação estética possa provocar. A construção do conhecimento ocorre na interação pelas vias da experiência e do sentimento. A “formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento” (SCHILLER, 1963, p.79). O sujeito harmonizado consigo, com a razão, o saber e a sensibilidade, determina a aproximação da estética como instrumento de formação. A evolução do sujeito como um todo, aprofundando o conhecimento sistematicamente.

Assim, a educação estética é uma educação sentimental e sua existência é automaticamente educativa, unindo conhecimento e emoção, otimizando a relação espectador e vida real pedagogizada, portanto, toda experiência vivida se transforma em aprendizado. Práticas e compartilhamentos movimentam os sujeitos/atores a produzir significados a partir da experiência estética, efetivada na presença do “outro” e na construção de conhecimento. O outro é o “sujeito” principal do evento, o espetáculo constituindo-se somente a partir de sua presença, é a imagem na sua totalidade. Para Bakthin (1992), o ser humano é um ser impossível de se conceber fora de suas relações com o outro. Assim, constitui-se uma nova sensibilidade que privilegia a conexão com o outro, abarcando a participação do sujeito/ator individual num sujeito/ator coletivo.

Para Santaella (2003), o crescimento exacerbado das conexões entre os sujeitos-atores ocorre devido à expansão da tecnologia, definindo a cultura das mídias. Ou seja, uma cultura intermediária, situada entre, a cultura de massa e a cibercultura. Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura virtual. Para Castells (1999) a cultura virtual caracteriza o novo sistema de comunicação pela capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais. Uma virtualidade amplificada por intermédio da *World Wide Web* (teia do tamanho do mundo), origina a navegação através de sites, uma nova concepção que abarca uma hegemonia predominante da Internet. Preconizada pelas afirmações de Primo (2003, p. 39) “de fato, as redes informáticas vieram transformar e ampliar as formas de comunicação”, Lévy (1996) aponta a dispersão ou desterritorialização como um dos principais aspectos do virtual, ao desprender-se das dimensões de espaço/tempo, de um espaço geográfico específico ou de um tempo pré-fixado. Conforme Lévy (1996) no latim medieval, *virtualis* deriva de *virtus* que consiste naquilo “que existe em potência e não em ato”. O que realmente corresponde à dinâmica da digitalização de informações é a “virtualização” (p.17). Uma das principais características dela poderia ser exemplificada pelo “desprendimento do aqui e agora”.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Nesta mesma composição Castells (1999) define a cultura que emergiu com a formação da sociedade em rede como a “cultura da virtualidade real”. O universo digital seria mais um ambiente simbólico que nos conduziria não a uma nova realidade virtual, mas à experiência humana captada de maneira abrangente e diversificada. A cultura da virtualidade real se constitui mediante a comunicação virtual. Na perspectiva de Castells (1999), é uma cultura real já que corresponde às bases materiais da existência humana, ou seja, às formas de representação da realidade e construção de significados. A exposição da própria imagem e dos acontecimentos cotidianos, difundiu aquilo que era tratado, antes, como privado, e agora tornando-se público. Logo, este espaço social, se sobrepõe para além das fronteiras.

As tecnologias da informação e da comunicação trouxeram grandes transformações no espaço percebido pela sociedade, ampliando os sentidos do “real” e do “imaginário”, passando a suportar também “o conjunto de informações codificadas binariamente que transita em circuitos digitais e redes de transmissão” (FRAGOSO, 2002, p. 108), ou seja: o universo virtual, o “ciberespaço”. E este pode ser considerado um espaço que disponibiliza os elementos necessários para criação dos espaços “digitais virtuais”. Para Backes (2015) os espaços digitais virtuais são espaços configurados no viver e conviver entre os seres humanos, por meio das tecnologias digitais, onde há a expressão da percepção, a comunicação e a interação. Nesse viver e conviver emerge a “cibercultura”.

Estas interações são fomentadas pelas conexões das redes sociais em uma era chamada neste contexto tecnológico de “Sociedade em Rede” por Castells, (2007), onde, tudo e todos podem e devem estar interligados, produzindo sentidos, significados e construindo conhecimento nestas redes. Estes espaços de interação configuram a convivência, impulsionados por diversas redes sociais.

Os sites de redes sociais são espaços de expressão e de construção de impressões. Espaços compartilhados em um processo de socialidade baseado nas percepções entendidas dos sujeito/atores como parte de seus papéis sociais. Percepções engendradas a partir de uma reciprocidade de satisfação entre os participantes que torna a interação o elemento fundamental das relações e dos laços sociais. Segundo Wasserman & Faust (1994, p.18), a conexão apresentada entre dois atores em uma rede social é denominada laço social. Nesta atmosfera midiática são estas mídias que proporcionam aos sujeitos/atores a elaboração de perfis individuais sociais, que irão operar como representações de si e a publicização das redes sociais através de suas ferramentas (BOYD; ELLISON, 2007). Recuero (2009) relaciona perfis ou “endereços” nas mídias sociais como um complexo de pistas do “eu”, características a serem percebidas pelos outros usuários. Por isso, essas mídias apresentam uma formação identitária, externando suas interfaces sociais e atuações no palco da vida cotidiana. Uma socialização que carrega nos seus nós a mobilidade, instantaneidade, fluidez e consequentemente incita o acréscimo de desejos, acessados por comunicação ora síncrona, ora assíncrona.

Mas quem seria este “eu” nas mídias sociais, o perfil ou o usuário? Recuero (2009) considera representações das criações identitárias, sendo que, cada criação representa um ator, logo, sem o usuário não existirá o perfil. E sem aquilo que representa o usuário não existiria o “eu” do ciberespaço, em ambos os casos, as representações são construídas. Uma metamorfose que envolve seus sujeitos/atores ao consumo de si mesmos, transitoriamente, porém sedentos, empenhados para atender aos apelos dos meios tecnológicos e de comunicação. Vivemos em uma sociedade totalmente visual, onde constantes interações mobilizam a socialização corroborando na construção da exposição de felicidade, de diversão e de entretenimento, alimentados pela lógica capitalista da produção e do consumo exibicionista. Neste sentido, códigos culturais são criados socialmente na construção de narrativas, a vida cotidiana através da internet de “todos para todos” (LÉVY, 1999) passa a ter sentido diferenciado e supervalorizado na rede. Valores que imbricam simultaneamente opostos que se atraem e engendram experiências nas demandas sobre a vida cotidiana, o viver no coletivo, suas construções educativas e narrativas.

Nessa lógica visual, tornou-se natural vivermos mergulhados numa imensidão de imagens totalmente estetizadas, que com seus mecanismos de individualização – personalização e construção do eu - arquiteta-se visibilidade. Uma

UNIVERSIDADE
LaSalle

www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

visibilidade ampliada ao passo que, compartilha-se solidariedade na aceitação de cada “eu” através do prestígio de retorno e do fazer-se presente. Atitudes presentes na mídia social mais popular do mundo, chamada de “Facebook”. Um espaço que foi planejado e construído objetivando oferecer inúmeros planos de negócios e entretenimento aos seus usuários-consumidores. Mídia social que opera a partir dos seus investimentos de interesses pessoais, políticos, estratégias de publicização, crescimento de capital e marketing visual. As interações seduzem pelo exibicionismo de si e o momentâneo, onde a vivência instantânea tomou o lugar da *experiência*, fazendo tudo esgotar-se rapidamente e cair no esquecimento, tornando quase impossível a experiência em si, indispensável à integração do ser e seu sentido de realidade. Assim, reconfigura a estetização da vida, revalorando as representações do cotidiano em relação aos sentidos emocionais, imaginários e sentimentais enaltecidos pelo cultivo da beleza, da exposição identitária e pela participação interativa em grande escala destas mídias sociais. Maffesoli (1995), a imagem é central na vivência do indivíduo ou pessoa, ela contribui para a formação de sujeitos e incentiva a busca frenética pelo prazer, pela estética, pelo sentido, pelo belo. O autor compreende o paradigma estético para refletir sobre as redes sociais, ressaltando as emoções compartilhadas e fomentadas como vetor social, instigando a necessidade de pertencer a esta conexão, de estar junto, de se legitimar perante suas faces e aceitação do outro. Condutas, comportamentos e relações que são construídas e fortalecidas culturalmente na interação, na confiança e nos laços afetivos, conforme (BERTOLINI; BRAVO, 2004). Assim, o sistema de interação mediada por computador proporcionado pelas redes sociais influencia sintonizando o sujeito-ator através da interação com o global, o local, o cotidiano, com o novo e o outro.

3. Metodologia

A metodologia de pesquisa será Estudo de Caso, de natureza qualitativa, por meio de dados coletados em arquivos digitais na mídia social *Facebook*. Através de informações compartilhadas, alimentadas por momentos, comportamentos, sentimentos, linguagens, sentidos e percepções capturadas pelos estudantes de fotografia colaboradores da disciplina de Eventos Sociais da Ulbra. Por intermédio de roteiros de atividades que serão preservados pelo fenômeno de fixação da imagem engendrando narrativas acompanhadas por planejamento semanal, não apenas em sala de aula, mas com atividades semipresenciais. Cada participante realizará tarefas por captura de imagem e compartilhará no *Facebook*, (grupo fechado) contemplando com os colegas a construção estética e representativa dessas imagens. Em todos os encontros serão desenvolvidos conteúdos exploratórios para contribuir na evolução do processo de ensino e aprendizagem pela formação estética desses alunos. Em cada publicação, serão analisadas as influências da utilização da rede social para a formação estética destes estudantes e suas decorrências para a ação educativa. Logo, para esta investigação, múltiplas fontes de dados estarão contribuindo para o papel do pesquisador, pautado numa atuação crítica e criativa.

Referências

BACKES, L.O **hibridismo tecnológico digital na configuração do espaço digital virtual de convivência**: formação do educador. Inter-Ação, Goiânia, v. 40, n. 3, 2015.

BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BERTOLINI, S.; BRAVO, G.. **Social capital, a multidimensional concept**. 2004. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20030318075349/http://www.ex.ac.uk/shipss/politics/research/socialcapital/other/bertolini.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

BOYD, D. & ELLISON, N. B. **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. In: **Journal of computer-mediated communication**, Vol 13, nº 1, article 11 (2007). Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>. Acesso 25 jul. 2016.



SEFIC2017
UNILASALLE

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. v.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e terra, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Contra Ponto. Rio de Janeiro, 1997.

DELEUZE, G.. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1994.

FRAGOSO, Suely. Espaço, Ciberespaço, Hiperespaço. **Textos de Comunicação e Cultura**, n. 42, UFBA, 2000, p. 105-113. Disponível em: <http://www.academia.edu/1772092/Espa%C3%A7o_ciberespa%C3%A7o_hiperespa%C3%A7o>. Acesso em: 21 jul. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOFFMAN, Erwin. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

KANT, I. Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht. In Werke, vol. 9. Edição de Wilhelm Weischedel. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983

LÉVY, P.. **O que é o virtual?** Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa** (3a ed.). Rio de Janeiro: forense, (2000).

MORIN, Edgar. **O método**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

PRIMO, A. Seria a multimídia realmente interativa? **Revista da FAMECOS**, n. 6, p. 92-95, mai. 1997.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 22, p. 23-32, dezembro 2003.

SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a Educação Estética da Humanidade**. Tradução de Roberto Schwarz. São Paulo: Herder, 1963.

WASSERMAN, Stanley e FAUST, Katherine. Social network analysis. In: **Methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.